

## **Escolas para quê?**

*José Sérgio Fonseca de Carvalho*

*Sobre o equilíbrio que dá sentido à experiência escolar*

As tentativas de se apontar uma função ou finalidade que explicita o significado social da escola esbarram sempre no fato de ela ser uma instituição social complexa, dotada de uma cultura cujas raízes remetem a uma diversidade de práticas, saberes e valores herdados e recriados em séculos de existência histórica. Seus princípios de ação têm, pois, origem numa diversidade de demandas sociais e econômicas, mas também em projetos políticos e concepções de homem e de mundo. Se na concretude de seu cotidiano eles se complementam, isso não se faz sem conflitos internos.

Em uma obra sobre o sentido da "experiência escolar" (*À l'ècole. Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris, Seuil, 1996), François Dubet e Danilo Martuccelli falam de três "funções" complementares e conflituosas dos sistemas escolares. Por um lado, eles visam difundir saberes e competências que capacitarão os jovens a inserir-se no mundo do trabalho. Numa sociedade burguesa a escola tem, pois, um importante papel na preparação para o exercício profissional e na legitimação das hierarquias sociais e econômicas. Mas o processo de escolarização não se reduz a essa "função socioeconômica" ou de legitimação das hierarquias, como pretendem alguns discursos bastante em voga.

Inserida numa "sociedade de indivíduos", marcada pela ausência de laços de comunidade, a escola deve também cumprir o papel de criar a noção de pertencimento a um mundo comum, no qual compartilhamos - em algum grau - linguagens e critérios de avaliação; princípios de ação e formas de legitimação. Trata-se, neste caso, de um certo - e inevitável - papel conformador da educação; no sentido de que ela visa também forjar algum tipo de identidade social a partir da criação de laços de pertencimento e de diferenciação, por meio dos quais uma "criança" se transforma em um 'brasileiro', ou em um 'chinês'.

Mas há ainda um papel formador na ação educativa escolar que remonta às próprias origens da instituição e que a ela confere um lugar ímpar em nossa sociedade. Trata-se do fato de que a escola se propõe a formar sujeitos que tenham algum grau de autonomia em relação às próprias instituições que o produzem socialmente. Isso implica a criação de uma certa distância entre a escola e as demandas do mundo; entre o tempo da formação e o tempo da produção e consumo; entre a coesão social e o jovem que a desafia. Por isso ela deve produzir um estranhamento crítico daquele que se educa em relação ao mundo no qual é iniciado pela educação.

Para Dubet e Martuccelli é o equilíbrio entre essas três funções complementares que dotava a escola republicana francesa de sua aura de instituição semissagrada em uma sociedade laicizada. E a sua perda, em favor da primeira dessas funções, tem dotado o processo de escolarização de um raso pragmatismo, incapaz de conferir à experiência escolar um sentido que ultrapasse a mera - e alegada - função econômica.

**Fonte: Educação online, set. 2011. Disponível em:**

**<<http://revistaeducacao.uol.com.br>>. Acesso em: 8 set. 2011.**